



MISCELÂNEA

Revista de Pós-Graduação em Letras

UNESP – Campus de Assis

ISSN: 1984-2899

www.assis.unesp.br/miscelanea

Miscelânea, Assis, vol.5, dez.2008/maio 2009



ENTRE MYTHOSE LOGOS UMA LEITURA DE “O RECADO DO MORRO”, DE JOÃO GUIMARÃES ROSA

Acácio Luiz Santos
(Doutor — UFF)

RESUMO

Este artigo investiga *mythos* e *logos* em “O recado do morro”, de João Guimarães Rosa, enfatizando as variações discursivas de um tema recorrente; realismo e mito; a sabedoria fantasiosa dos excluídos; e o mundo como um processo de exegese. Destarte, ele conta contribuir para o estudo da visão de mundo do autor, e sugere uma ligação entre esta história e o pós-modernismo.

PALAVRAS-CHAVE

João Guimarães Rosa; “O recado do morro”; narrativa e hermenêutica.

ABSTRACT

This article investigates *mythos* and *logos* in “O recado do morro” by João Guimarães Rosa, emphasizing the discursive variations of a recurrent theme; realism and myth; the fanciful wisdom of the outsiders; and the world as a process of exegesis. Thus, it aims to contribute to the study of the author’s worldview, and it suggests a link between this story and Postmodernism.

KEYWORDS

João Guimarães Rosa; “O recado do morro”; narrative and hermeneutic.

Introdução

O propósito do presente artigo é examinar a mescla de *mythos* e *logos* na novela "O recado do morro", de João Guimarães Rosa, publicada em *Corpo de baile* e, posteriormente, após a divisão deste livro em três volumes, no segundo destes, intitulado *No Urubuquaquá, no Pinhém*. Emprego aqui a edição do texto publicada na *Ficção completa* (ROSA, 1994, v. 1).

Para levar a bom termo tal proposta, examino, antes de mais nada, seus respectivos significados e suas relações mútuas. Inicialmente, a acepção do *mythos* (termo que será usado aqui, na forma grega, para preservar sua polissemia original), conforme lembra Abbagnano, é desqualificadora, "como forma atenuada de intelectualidade". Desta forma, na antigüidade clássica, "o mito é considerado um produto inferior ou deformado da atividade intelectual. A ele era atribuída, no máximo, "verossimilhança", enquanto a "verdade" pertencia aos produtos genuínos do intelecto" (ABBAGNANO, 2000, p. 673a).

Embora desqualificado no âmbito da investigação filosófica estrita, o mito não deixou de ser prezado enquanto forma persuasiva de transmissão de valores. "A esse conceito de mito como verdade imperfeita ou diminuída freqüentemente se une a atribuição de validade moral ou religiosa ao mito" (ABBAGNANO, 2000, p. 673a-b). Assim, por uma via alternativa, o mito possui um significado ético reconhecido pelos clássicos.

O que o mito diz — supõe-se — não é demonstrável nem claramente concebível, mas sempre é claro o seu significado moral ou religioso, ou seja, o que ele ensina sobre a conduta do homem em relação aos outros homens ou em relação à divindade (ABBAGNANO, 2000, p. 673b).

Por outro lado, numa das acepções do conceito de *logos* (que preservo neste trabalho em sua forma grega, pelas mesmas razões do *mythos*) não está ausente o matiz religioso; assim, o *logos* pode ser compreendido enquanto: "1º. substância ou causa do mundo; 2º. pessoa divina" (ABBAGNANO, 2000, p.

630a). Nesta acepção, a doutrina do *logos* “foi sempre religiosa. Os filósofos só recorreram a ela quando quiseram dar caráter religioso à sua doutrina” (ABBAGNANO, 2000, p. 631a). Na sua acepção de “razão”, o *logos*, por sua vez, significa o “referencial de orientação do homem em todos os campos em que seja possível a indagação ou a investigação” (ABBAGNANO, 2000, p. 824a).

Dessa forma, tanto *mythos* quanto *logos* respondem às indagações fundamentais do homem que viabilizam a atualização de seu ser; sua mescla, assim, apontará para o que Jean Mouroux, citado por Vaz, chama testemunho experiencial. Quanto à própria investigação mística, ela, conforme Vaz, “por sua vez, é necessariamente pluridisciplinar, pois a experiência mística é um fenômeno totalizante, no qual estão integrados todos os aspectos da complexa realidade humana” (VAZ, 2000, p. 15). Colocadas tais questões e definições, passo à leitura proposta de “O recado do morro”.

Um trajeto rumo ao conhecimento

Desde a sua abertura, “O recado do morro” situa a representação num termo médio entre *mythos* e *logos*:

Sem que bem se saiba, conseguiu se rastrear pelo avesso um caso de vida e de morte, extraordinariamente comum, que se armou com o enxadeiro Pedro Orósio (também acudindo por Pedrão Chãbergo ou Pê-Boi, de alcunha), e teve aparente princípio e fim, num julho-agosto, nos fundos do município onde ele residia; em sua raia noroesteã, para dizer com rigor.

[...]

Debaixo de ordem. De guiador — a pé, descalço — Pedro Orósio: moço, a nuca bem feita, graúda membradura; e marcadamente erguido: nem lhe faltavam cinco centímetros para ter um talhe de gigante, capaz de cravar de engolpe em qualquer terreno uma acha de aroeira, de estalar a quatro em cruz os ossos da cabeça de um marruás, com um soco em sua cabeloura, e de levantar do chão um jumento arreado, carregando-o nos braços por meio quilômetro, esquivando-se de seus coices e mordidas, e sem nem por isso afrouxar do fôlego de ar que Deus empresta a todos (p. 617).

O início da novela alterna marcas indefinidoras e descrições minuciosas. Uma primeira marca indefinidora surge já na primeira frase: segundo o narrador, o assunto da novela lhe chegou “sem que bem se saiba” como, além de ter sido reconstituído “pelo avesso”. Além disso, a diegese também se indefine enquanto tal, de vez que “teve aparente princípio e fim”, e as circunstâncias temporais e espaciais não são, neste primeiro momento, esclarecidas (“num julho-agosto”, “nos fundos do município”). Por outro lado, ao personagem principal é atribuído um nome (“Pedro Orósio”), alcunhas (“Pedrão Chãbergo”, “Pê-Boi”), uma atividade (“enxadeiro” e “guiador”), além de uma minuciosa descrição.

Introduzido, assim, à narrativa por via do *mythos*, o leitor, não obstante, tem acesso a Pedro Orósio por via do *logos*. Diante da ameaça de morte que perpassa a narrativa e que só no final desta revela seu alvo, o próprio Pedro, a novela representará desde o início a necessidade de o homem comum situado, e portanto na imanência, abrir-se a uma outra via mais ampla de reconhecimento da realidade, a transcendência, necessidade vital que significa, no âmbito maior da hermenêutica representada, o encontro do *logos* imanente com o *mythos* transcendente. Chama a atenção, aliás, na primeira descrição de Pedro, sua figura vigorosa, a que falta pouco para chegar a um estágio mítico (“gigante” e de força descomunal), em mais um signo do meio-termo *mythos/logos* cultivado na narrativa. Mais adiante, o leitor fica sabendo que Pedro, além de alto e forte, é rapaz de boa índole e um tanto galante, conquistador de inúmeras moças de várias paragens, e, graças a isto, indispõe-se com vários companheiros seus, entre eles Ivo, que o acompanha a guiar um estrangeiro pelo sertão. No caminho, além de várias pousadas e fazendas, eles irão sistematicamente encontrar uma série de figuras de excluídos do mundo do *logos*.

A primeira delas, um eremita meio adoidado, o Gorgulho, introduzirá o grande enigma da narrativa, o recado do morro:

— “H’hum... Que é que o morro não tem preceito de estar gritando... Avisando de coisas...” — disse, por fim, se persignando e rebenzendo, e apontando com o dedo no rumo magnético de vinte e nove graus nordeste.

Lá — estava o Morro da Garça: solitário, escaleno e escuro, feito uma pirâmide. O Gorgulho mais olhava-o, de arrevirar bogalhos; parecia que aqueles olhos seus dele iam sair, se esticar para fora, com pedúnculos, como tentáculos.

— “Possível ter havido alguma coisa?” — frei Sinfrão perguntava. — “Essas serras gemem, roncam, às vezes, com retumbo de longe trovão, o chão treme, se sacode. Serão descarregamentos subterrâneos, o desabar profundo de camadas calcáreas, como nos terremotos de Bom-Sucesso... Dizem que isso acontece mais é por volta da lua-cheia...” (p. 624).

O morro tem uma forma piramidal, um símbolo de poder e comunicação com outras regiões além das da realidade circundante. Ele emite, conforme o Gorgulho, um alerta, um ruído aterrador “avisando de coisas”. Aceito, pois, pelo eremita, este evento mítico e terrível como verdade e possibilidade, ele será no entanto questionado por um membro do pequeno grupo guiado por Pedro, o frei Sinfrão, que procura explicá-lo pela verossimilhança e probabilidade, como um descarregamento subterrâneo. O *logos* e o *mythos* alternam-se, pois, na narrativa, fornecendo uma dupla explicação para os eventos narrados, explicação esta que jamais pende em definitivo para um dos lados.

A seguir, ainda pela fala do Gorgulho, chegará a primeira versão do recado:

— Que que disse? Del-rei, ô, demo! Má-hora, esse Morro, ásparo, só se é de satanaz, ho! Pois-olhe-que, vir gritar recado assim, que ninguém não pediu: é de tremer as peles... Por mim, não encomendei aviso, nem quero ser favoroso... Del-rei, del-rei, que eu cá é que não arrecho dessas conversas, pelo semelhante! Destino, quem marca é Deus, seus Apóstolos! E que toque de caixa? É festa? Só se for morte de alguém... Morte à traição, foi que ele Morro disse. Com a caveira, de noite, feito História Sagrada, del-rei, del-rei!...

— “Vad? Fara? Fan?” — e seo Alquiste se levantava. — “Hom’ êst’ diz xôiz’ imm’portant!” — ele falou, brumbrum. Só se pelo acalor de voz do Gorgulho ele pressentia. E até se esqueceu, no afã, deu apressadas frases ao Gorgulho, naquela

língua sem as possibilidades. O Gorgulho meio se arregalou, e defastou um passo. Mas se via que algum entendimento, como que de palpite, esteve correndo entre ele e o estranho: porque ele ao de leve sorriu, e foi a única vez que mostrou um sorriso, naquele dia. Os dois se remiravam. Seo Alquiste reconheceu que não podia; e olhou para frei Sinfrão. — “Chôis’ muit’ imm’portant?” — indagou (p. 630).

Já na primeira versão do recado, dada pelo Gorgulho, aparecem fragmentos significativos: “de tremer as peles”, “favoroso”, “del-rei”, “similhante”, “destino quem marca é Deus”, “festa”, “morte à traição”, “de noite”, “História Sagrada”. Embora esparsos, estes fragmentos, em seu conjunto, permitem delinear um crime planejado, uma morte anunciada; e seu alvo, para maior escândalo, parece indicar alguém valoroso e leal, atraído, por ocasião de festa e confraternização, para uma emboscada. No âmbito do *mythos*, o recado do morro aponta, portanto, para um grave problema humano, a assimétrica luta do bem contra o mal, enquanto que, no âmbito do *logos*, ele instaura uma suspeita séria que demanda investigação. A essencialidade do recado é, entretanto, tão premente que supera o limite da comunicação verbal e se comunica ao estrangeiro, seu Alquiste, e faz com que este intua sua importância.

Passados alguns dias, porém, esquecido da gravidade do recado, Pedro faz as pazes com Ivo:

Porque, desde dias, estavam outra vez companheiros, a amizade concertara. Ao que o Ivo era um rapaz correto, obsequioso, — “Mal-entendido que se deu, só... Má estória, que um bom gole bebido junto desmancha...” Nisso que o Ivo pelos outros respondia também: o Jovelino, o Veneriano, o Martinho, o Hélio Dias Nemes, o João Lualino, o Zé Azogue — que, se ainda estavam arredados, ressabiando, no rumo não queriam outra coisa senão se reconciliar. Deixasse que ele, Ivo, logo chegassem de volta no arraial, arreunia todos, festejavam as pazes. — “O Nemes também?!” — Pé-Boi perguntou, duvidoso, quase não crendo. — “Pois ele! Você vai ver. No sim por mim, velho!...” E esse Ivo era um sujeito de muita opinião, que teimava de cumprir tudo o que dava anúncio de um dia fazer. Por isso, o apelido dele, que tinha, era: “Crônico” — (do qual não gostava). Agora, que vinham se aproximando de final, os agrados dele aumentavam. Adquiriu uma garrafa de

cachaça, deviam de beber, os dois, dum copo só. E estendeu a mão, numa seriedade leal: — “Toques?!” — “Toques!” Dois amigos se entendiam (p. 634).

Este trecho faz uma importantíssima referência aos companheiros de Pedro que com ele estavam “arredados”, num total de sete, contando com o Ivo. Certamente não sou o primeiro a observar a correspondência do nome dos sete com o dos deuses da mitologia greco-romana que presidiam os dias da semana. Limito-me aqui a registrar a liderança de Ivo “Crônico” (referência a Saturno, ou Chronos — “tempo” —, deus que presidia os sábados — a cilada é armada para um sábado), que conjura a cilada a Pedro. O sete simboliza aqui, pois, a semana, e, logo, o tempo imanente, conspirando contra o homem; a figura de seu líder, por sua vez, congrega melancolia (“soturno” / “Saturno”, outrora pecado capital) e tempo. Ivo finge amizade, e afirma-se, assim, na narrativa, como o aspecto enganador da imanência, que pode levar o homem à perdição.

Outro nível simbólico operado aqui, o da “História Sagrada”, conduz a uma inversão vital: a trama de Ivo ameaça instaurar o sagrado “às avessas”; se a semana da criação teve por termo a criação do homem e o descanso de Deus, a cilada perversa tramada por Ivo tem por termo o assassinato do valoroso e leal Pedro e a conseqüente afirmação do Mal. O humano representado na novela articula, pois, os âmbitos da imanência e transcendência, tecnicamente viabilizados pela hábil mescla de realismo e simbolismo (evidentemente no seu étimo original, não na acepção restrita de estilos históricos).

Continuando sua jornada, o grupo de Pedro encontra outro excluído não assimilável pelo mundo dominado pela lógica, o excêntrico Catraz:

[...] E Pedro Orósio mesmo se esquecia, no meio-lembrar de uma coisa ou outra, fora do que o Catraz estivesse dizendo.

— ... E um morro, que tinha, gritou, entences, com ele, agora não sabe se foi mesmo p’ra ele ouvir, se foi pra alguns dos outros. É que tinha uns seis ou sete homens, por tudo, caminhando mesmo juntos, por ali, naqueles altos... E o morro gritou foi que nem satanaz. Recado dele. Meu irmão Malaquia

falou del-rei, de tremer peles, não querendo ser favoroso... Que sorte de destino quem marca é Deus, seus Apóstolos, a toque de caixa da morte, coisa de festa... Era a Morte. Com a caveira, de noite, feito História Sagrada... Morte à traição, pelo semelhante. Malaquia dixe. A Virgem! Que é que essa estória de recado pode ser?! Malaquia meu irmão se esconjurou, recado que ninguém sabe se pediu..." (p. 637)

O recado, transmitido agora pelo Catraz (aliás, irmão do Gorgulho, o "Malaquia", que lhe conta o recado), além de reprisar os elementos essenciais anteriores, pormenoriza a cruel cilada um pouco mais: aqui já se afirma o número provável de assaltantes, seis ou sete, e o local do atentado, "por ali, naqueles altos". Pelo *mythos*, portanto, vai-se ampliando o campo de investigações do *logos* e do enigma, pouco a pouco, vai-se esclarecendo.

Já se pode notar, também, o papel das figuras de excluídos (o eremita, o excêntrico, e depois o menino, o bobo, o beato fanático, o doido com mania de riqueza e, enfim, o poeta), antídotos à cuidadosa trama do Mal, enviados da Providência (o destino, mote recorrente do recado) para neutralizar a cilada e salvar Pedro. Assim, involuntariamente, um excluído passa a história, o recado do morro, a outro, que, pelo *mythos*, a vai refinando.

O próximo elo da corrente é o menino Joãozezim, que ouve o recado pelo Catraz e, impressionado, o reconta ao bobo Guegue:

— "... Um morro, que mandou recado! Ele disse, o Catraz, o Qualhacoco... Esse Catraz, Qualhacoco, que mora na lapinha, foi no Salomão, ele disse... E tinha sete homens lá, com o irmão dele, caminhando juntos, pelos altos... Você acredita?"

[...] O Guegue ouvia. Só lhe faltava crescer as orelhas e avançá-las, muito peludas. Babeava, mostrava os dois cacos de dentes. E se ria.

— O recado foi este, você escute certo: que era o rei... Você sabe o que é rei? O que tem espada na mão, um facão comprido e fino, chama espada. Repete. A bom... O rei tremia as peles, não queria ser favoroso... Disse que a sorte quem marca é Deus, seus apóstolos. E a Morte, tocando caixa, naquela festa. A Morte com a caveira, de noite, na festa. E matou à traição...

O menino Joãozezim falava desapoderado, como se tivesse aprendido só na memória o ao-comprido da conversa. E queria uma confirmação de resposta, saber do Guegue. Mas, enquanto

a esperava, não podia deixar de mexer os lábios, continuasse a reproduzir tudo para si, num sussuro sem som (p. 639).

Com o Joãozezim, confirma-se o número de assassinos, sete, a atacarem juntos o rei, o qual leva um “facão comprido”; justamente Pedro, na função de guia do grupo, leva consigo um facão para romper mato e abrir veredas. A simbologia da imagem também identifica mais uma vez a figura de Pedro à do homem que tem um enigma de vida e morte por esclarecer e também deve, hermeneuticamente falando, “abrir uma clareira” e decifrá-lo. O *mythos* vem, assim, ao socorro de Pedro, chamando-o ao *logos* para salvar-se.

— [...] Olha a trombeta! De profundas, eu escuto: olha a morte, atenção!

— Uai, então é! É que nem o Menino...

— O menino? O menino? De uns assim foi dito, que entram no Reino-do-Céu dançadamente... Que menino?

— A bom, no Bôamor: foi que o Rei — isso do Menino — com espada na mão, tremia as peles, não queria ser favoroso. Chegou a Morte, com a caveira, de noite, falou assombrando. Falou foi o Catraz, Qualhacoco: o da Lapinha... Fez sino-saimão... Mas com sete homens, caminhando pelos altos, disse que a sorte quem marca é Deus, seus Doze Apóstolos, e a Morte batendo jongo de caixa, de noite, na festa, feito História Sagrada... Querendo matar à traição... Catraz, o irmão dum Malaquia... Ocê falou: a caveira possui algum poder? É fim-do-mundo?

— É o começo dele, é o começo — alvorada de toda a Glória! Um arcanjo sabe o poder de palavras que acaba de sair de tua boca... Ajoelha, às graças, ajoelha, já! (p. 643).

Como sempre, entra no recado, a par dos elementos essenciais, mais um: a Morte bate jongo, ou seja, uma festa com batuque será a senha: a cilada está próxima. Outro elemento significativo no trecho citado é a referência ao Sermão da Montanha (outro “morro”), sobre as crianças merecerem o Reino dos Céus: reforça-se a idéia de uma salvação por meio daqueles excluídos do *logos* terreno — a lógica, a razão —, que, quando abdica da transcendência, de Deus, torna-se friamente assassino. Desafeitos ao *logos* terreno e, pois, à sua perversão, os parvos, o menino, o poeta oferecem pelo *mythos* uma oportunidade de salvação a Pedro, ameaçado pelo traçoeiro *logos* terreno corrompido de Ivo e seus companheiros. A imagem de salvação pelo *mythos*

reaparece no sermão promovido pelo beato fanático conhecido como Nominedômine, que ouve a “confissão” do Guegue, no trecho citado acima, e a apregoa na igreja:

— ... Escutem minha voz, que é a do Anjo dito, o papudo: o que foi revelado. Foi o Rei, o Rei-Menino, com a espada na mão! Tremam, todos! Traço o sino de Salomão... Tremia as peles — este é o destino de todos: o fim de morte vem à traição, em hora incerta, é de noite... Ninguém queira ser favoroso! Chegou a Morte — aconforme um que cá traz, um dessa banda do norte, eu ouvi — batendo tambor de guerra! Santo, santo, Deus dos Exércitos... A Morte: a caveira, de dia e de noite, festa na floresta, assombrando. A sorte do destino, Deus tinha marcado, ele com seus Doze! E o Rei, com os sete homens-guerreiros da História Sagrada, pelos caminhos, pelos ermos, morro afora... Todos tremeram em si, viam o poder da caveira: era o fim do mundo. Ninguém tem tempo de se salvar, de chegar até na Lapinha de Belém, pé da manjedoura... Aceitem meu conselho, venham em minha companhia... Deus baixou as ordens, temos só de obedecer. É o rico, é o pobre, o fidalgo, o vaqueiro e o soldado... Seja Caifaz, seja Malaquias! E o fim é à traição. Olhem os prazos!... (p. 650).

No sermão de Nominedômine, o recado do morro é associado a um apelo à salvação. Além disso, ao seu final, ele acrescenta mais uma pista: o rico, o pobre, o fidalgo, o vaqueiro e o soldado — referência ao grupo de cinco guiado por Pedro desde o início, respectivamente: seu Alquiste, o estrangeiro; o frei Simeão; o próprio Pedro; seo Jujuca, um fazendeiro; e, enfim, Ivo. O enigma, ciclicamente repetido e ampliado em detalhes, cada vez mais vai fechando o cerco, embora de maneira sutil — exigindo, portanto, o *logos* investigativo. O sermão francamente apocalíptico de Nominedômine pode, no entanto, por seu fanatismo, vir a obscurecer a trilha que deve ser aberta por Pedro. Neste sentido, um homem que estava na igreja na hora em que Nominedômine a invade com seu sermão, o doido com mania de riqueza conhecido como Coletor, restaura (quase me atreveria a dizer aqui: com bom senso) o recado como alerta não contra o fim dos tempos, mas contra o homem que decide fazer o mal:

— “[...] O rei-menino, com a espada na mão! E o cinco-salmão: ara, só se vê disso, hoje em dia, é na bandeira do Divino, bordado rebordado... Baboseira! Morrer à traição, hora incerta, de tremer as peles... Doze é dúzia — isso é modo de falar? O que vale a gente é as leis... Quero ver, meu ouro. Não sou o favoroso? Mais novecentos mil e novecentos e noventa-e-nove mil milhões de milhões... A Morte — esconjuro, credo, vote vai, cã! Carece de prender esse Santos-Óleos, mandar guardar em hospícios... Vê lá se a Morte vem vindo, daí da banda do Norte, feito coisa de Embaixador, no represento de festa de cavalhada? E caixa e tambor, quem estão batendo é essa gente do Sãtomé à revelia... Cristãos sem o que fazer... Frioleiras... De que o Rei, pelos ermos, sete soldados, fidalgos e guerreiros da História Sagrada, e lapa de Belém, tudo por traição, dando conselho e companhia, ao pé da manjedoura, porque Deus baixou ordens... Novecentos milhões... Nove, seis e um — sete... Acabar? Posso dar meu juramento. Acaba nunca! Isso de mundo se acabar, de noite ou de dia, é invenção de gente pobre... Arrenego! Uma tana! Que seja p’ra o Capataz, e essa aqui p’ra o Malaquias!...” (p. 654).

Conforme o Coletor, não há risco de o mundo se acabar, o que vale “é as leis”. O recado é, pois, um alerta contra um crime, crime de homem contra homem. Assim reenforcado, no bom senso trazido pelo *mythos*, resta agora formalizar o recado, capturar a significação essencial dos discursos que, espalhados a ermo, fatalmente se perderiam. É a hora da entrada em cena de um verdadeiro amigo de Pedro, o Laudelim Pulgapé, um hábil compositor e tocador de violão. Junto do amigo quando eles encontram o “bem-sucedido” Coletor e este censura o apocalíptico Nominatedômine, Laudelim se impressiona com a fala do doido: “Isso é importante!”, “Um danado de extraordinário!”, e, ato contínuo, despede-se do amigo e corre ao seu violão para compor uma cantiga. Numa festa do lugar, marcada para um sábado, depois da qual Ivo e seus companheiros atrairão Pedro para a cilada, Laudelim estréia sua canção:

[...]

Meus sete bons cavaleiros
flor da minha fidalguia...

Um falou pra os outros seis
e os sete com um pensamento:
— A sina do Rei é a morte,
temos de tomar assento...

Beijaram suas sete espadas,
produziram juramento.

A viagem foi de noite
por ser tempo de luar.
Os sete nada diziam
porque o Rei iam matar.
Mas o Rei estava alegre
e começou a cantar...

Escuta, Rei favoroso,
nosso humilde parecer (p. 660).

A canção de Laudelim resume, até aqui, o que aconteceu (“um — Ivo — falou pra os outros seis”) e o que ainda irá acontecer naquela noite (“o rei estava alegre e começou a cantar” — Pedro, um pouco ébrio da festa, resolve, diante da visão noturna do morro, cantar. No prosseguimento da letra, no entanto, uma tragédia se anuncia:

Arre, al, que tudo fuzuava, no roldão de uma matança — quando os réus guerreiros investiam no Rei, de mão-comum, suas espadas. Nas champas delas o luar lampeava, contra todos os sete o Rei se defendendo, que esbravejava, acuado mas sem se entregar, ao longo choro do vento e na solidão dos campos – por força e armas! [...]

Mais. Cada que o Rei dava um urro, por ferido — era também um dos outros, que matado. Travante gritava que malditos fossem, por assim quererem apagar o rol de tantos benefícios dos palácios. Aí, então, eles careciam de ser bichos, de ódio. De vezvez defastavam e revinham, mais crus, sangue se via, de noite, o vermelho nas roupas semelhava preto. Uivavam. Desuso — que nem um estouro de boiada curraleira: tudo em estrondo e estraçalho. Mas a dor no corpo do Rei ardia, por seus muitos bastantes talhos sofridos, de tanto sangue que perdia ia-se indo em cansaço, e do seu sangue mesmo precisava de aparar e rebeber, por não deixar o alento. [...] Mas aí o Rei matava o derradeiro sétimo, e próprio morria — na horinha de falecer via o escrito de sua velha sina, nos altos do céu... (p. 661).

Aqui o *mythos*, forma privilegiada de o poeta dialogar com o *logos*, a razão, acrescenta, para boa moral da história, o combate e o decorrente tombar do rei que, à hora da morte, vê sua sina escrita no céu. A saga do rei, embora este tenha sido morto, é, no *ethos* da letra da canção de Laudelim,

positiva, pois seu triste destino deixa um sinal, um aviso aos próximos, se estes o souberem compreender. A novela, aqui, reafirma uma das maiores significações da poesia, da arte, para o homem: alertar, pelo agradável dos sons, formas, cores e palavras, contra as astúcias que inevitavelmente aparecerão pelo caminho. Após o fim da canção de Laudelim, Ivo e seus companheiros finalmente saem da festa com Pedro. Tudo, até aqui, segue conforme a canção. Longe de testemunhas, a sós com seus assassinos, Pedro contempla o morro e imagina o retorno à terra, ao lar, à infância — o que o identifica com os excluídos avessos à lógica corrompida:

[...] Aí entrar outra vez dentro da Gruta, a Lapa Nova do Maquine [...] e afundar naquele bafo sem tempo, sussurro sem som, onde a gente se lembra do que nunca soube, e acorda de novo num sonho, sem perigo sem mal; se sente.

Que desse as armas, por guardar, que era mais assisado — o Ivo fechou mão nisso. — “Uma osga!” Pê-Boi não queria saber de embusteria. — “Cuida das botinas, amigo, que eu quero é festa!” Queria cantar. *Vieram todos de parelha... O Rei... E em eles tremeram peles... A sina do Rei é avessa... O Rei dava, que estrambelhava — à espada: dava de gume, cota e prancha... “Remeteram com a fortaleza...”* Aí então os Sete matavam o Rei, à traição. Traição... Caifaz... Parecia coisa que tinha estado escutando aquilo a vida toda! Palpitava o errado. Traição? Ah, estava entendendo. Num pingo dum instante. Olhou aqueles, em redor. Sete? Pois não eram sete?! Estarreceu, no lugar. Soprou. — “Doidou, Pê? Que foi?” Traição, de morte, o dano dos cachorros! — “Pois toma, Crônico!” — e puxou no Ivo um bofetão, com muito açoite. Estavam na ponte do Ribeirão da Onça. — “E que foi, gente? Que foi?” Ele cresceu (p. 665).

Ao se deixar tomar pela canção, Pedro a significa em si. A imagem da gruta/abrigo remete à proteção recebida na infância — Pedro agora é puro *mythos*. Ele canta, e do mais fundo de si — “Parecia coisa que tinha estado escutando aquilo a vida toda!” — o *logos* junta as peças: “Pois não eram sete?!” Agora, em pleno domínio de si, pelo *mythos* e pelo *logos*, ele ataca seus quase assassinos e os derrota, um a um. Após derrotar o último — Ivo —, ele, em seguida, se retira: “Daí, com medo de crime, esquipou, mesmo com a noite,

abriu grandes pernas. Mediu o mundo. Por tantas serras, pulando de estrela em estrela, até aos seus Gerais” (p. 666).

Repleto de *mythos* e *logos*, o ser em ato de Pedro vence o vasto mundo e retorna assim, legítimo Ulisses sertanejo, à sua Ítaca, “aos seus Gerais”, afirmando também o resgate de uma harmonia de conhecimento *mythos/logos*, cujo divórcio é o fundamento da fragmentação do mundo moderno.

Considerações finais

Do que foi visto nesta leitura, “O recado do morro” afirma a atualização do ser em *mythos* e em *logos*, atualização esta que pode ser a chave para a significação e valoração da produção pós-moderna, das “metaficções historiográficas”, no dizer de Linda Hutcheon, em *Poética do pós-modernismo* (1991), em seu simultâneo resgate das narrações, um tanto em baixa durante o experimental modernismo, e do caos multiforme do mundo novecentista, perdido em decepções de lógica corrompida.

Em “O recado do morro”, aponta-se, destarte, um possível caminho para o homem imerso em imanência, de saber preencher-se de *mythos* e *logos* para vencer o mais terrível desafio, que, como o mesmo Guimarães Rosa afirma reiteradamente em *Grande sertão: veredas*, “é muito perigoso”: viver.

Referências bibliográficas

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ROSA, João Guimarães. “O recado do morro”. In: _____. *Ficção completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p.615-66, v.1.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Experiência mística e filosofia na tradição ocidental*. São Paulo: Loyola, 2000.